

---

## EMPATIA E ÉTICA NA PERSPECTIVA DE EDITH STEIN

### *EMPATHY AND ETHICS FROM THE PERSPECTIVE OF EDITH STEIN*

Gabriele Camelo Moraes<sup>1</sup>  
Prof. Msc. Canício Scherer<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo aborda os conceitos de empatia e ética a partir da perspectiva e pensamento de Edith Stein. Assim, busca-se analisar de que maneira os atos empáticos contribuem para o estabelecimento de relações humanas mais saudáveis e eticamente fundamentadas na empatia. Ressalta-se a contribuição da filósofa contemporânea, que aponta a subjetividade e intersubjetividade de cada pessoa como eixos interligados pela empatia que a faz se autoconhecer e crescer eticamente nas relações, já que pela empatia se percebe a dimensão intrínseca que é sua humanidade e deve ser respeitada nesta finalidade e não ser usada como meio para outros fins. A metodologia adotada consiste em pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores e estudiosos das áreas de filosofia, fenomenologia e antropologia filosófica. Os resultados indicam que a empatia, aplicada no âmbito social, comunitário, favorece a construção de vínculos mais saudáveis, éticos e harmoniosos. Conclui-se que a empatia não deve ser compreendida como um conjunto de sentimento isolados, mas como uma dimensão constitutiva da pessoa humana, que, ao exercê-la juntamente com a ética, ambas ajudam no reconhecer o outro em sua dignidade, como a si mesmo. Nesse sentido, é possível criar vínculos verdadeiros quando se respeita eticamente a diversidade que habita em cada ser humano, respeitando sua cultura, valores e história. A empatia promove o autoconhecimento além de aproximar as pessoas num reconhecimento mútuo nas relações interpessoais.

**Palavras-chave:** Edith Stein; Empatia; Vida ética; Relações humanas.

**ABSTRACT:** This article addresses the concepts of empathy and ethics from the perspective and thought of Edith Stein. Thus, it seeks to analyze how empathetic acts contribute to the establishment of healthier human relationships that are ethically grounded in empathy. The contribution of the contemporary philosopher is highlighted, who points out the subjectivity and intersubjectivity of each person as interconnected axes through the empathy that enables self-knowledge and ethical growth in relationships, since through empathy one perceives the intrinsic dimension that is their humanity and must be respected for this purpose and not used as a means to other ends. The adopted methodology consists of bibliographic research, based on authors and scholars in the areas of philosophy, phenomenology, and philosophical anthropology. The results indicate that empathy, when applied in the social and community context, promotes the development of healthier, more ethical, and harmonious relationships. It is concluded that empathy should not be understood as a set of isolated feelings, but as a constitutive dimension of the human person, which,

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Salesiano - UniSales. Vitória/ES, Brasil. E-mail: gabrielecamelo982016@outlook.com

<sup>2</sup> Centro Universitário Salesiano - UniSales. Vitória/ES, Brasil. E-mail: cscherer@salesiano.br

when exercised together with ethics, both help in recognizing the other in their dignity, as one does oneself. In this sense, it is possible to create genuine connections when one ethically respects the diversity that exists within each human being, honoring their culture, values, and history. Empathy fosters self-awareness while also bringing people closer through mutual recognition in interpersonal relationships.

**Keywords:** Edith Stein; Empathy; Ethical life; Human relationships.

## 1 INTRODUÇÃO

É primordial reconhecer o papel da *Philosophia* diante das constantes mudanças históricas, nos campos sociais, econômicos, políticos e acadêmicos. Platão, em *Eutidemo*, define a filosofia como “uso do saber em proveito do homem” (Abbagnano, 1998, p. 442), ressaltando sua função prática na busca pelo conhecimento e pela condução da vida. Nesse sentido, o filósofo (a) não apenas amplia a compreensão da realidade, mas também instiga uma reflexão crítica, existencial, promovendo um olhar mais profundo, analítico sobre os dilemas éticos e a necessidade de percorrer um caminho fundamentado nesta para alcançar objetivos claros.

As reflexões em torno da ética sempre tiveram grande relevância, desde os primórdios da Grécia Antiga, com as influências de pensadores como Sócrates (469 a.C.), Platão (427 a.C.) e Aristóteles (322 a.C.). Esses filósofos ilustres contribuíram notavelmente ao buscar compreender, por meio de questionamentos, teorias, reflexões e métodos racionais, formas de embasar uma vida ética e humana.

Sócrates, um dos fundadores da ética ocidental, via a virtude como um caminho para a felicidade e, para trilhar este percurso, era necessário o autoconhecimento, além da renúncia a ideias pré-moldadas, permitindo o surgimento do novo e do verdadeiro. Seguindo esses princípios, o ser humano viveria uma vida moralmente “correta”.

Os filósofos históricos da contemporaneidade, particularmente no campo da fenomenologia, como Edmund Husserl, Max Scheler e Edith Stein exerceram um impacto profundo nos séculos XIX e XX ao introduzirem conceitos revolucionários que ampliaram os horizontes do pensamento filosófico, mas não somente isso, pois eles continuam a oferecer contribuições relevantes para compreensão dos desafios da era contemporânea.

Entre esses filósofos, Edith Stein (1891-1945) se destaca por sua abordagem inovadora acerca da fenomenologia. Em sua tese de doutorado *Zum Problem der Einfühlung* (Sobre o problema da empatia, publicada em 1917), ela aprofunda o conceito da empatia, enfatizando seu papel essencial na conexão entre pessoas e na compreensão de suas perspectivas e emoções. Para Stein a empatia não se reduz à simpatia e apreço; trata-se de um ato de vivência “é de gênero próprio, especificamente característico, que não se iguala a nenhum outro” (Sberga, 2021, p. 29).

Em um cenário marcado pela fragilidade dos vínculos sociais e pelo individualismo crescente, resgatar a empatia como experiência vivida (*sui generis*) permite reconstituir a qualidade das interações e fomentar uma cultura de respeito mútuo. Diante dos fatos supracitados, declara-se que a empatia não é apenas um traço

individual, mas de um percurso humano comunitário, cultural e social que reafirma nossa humanidade compartilhada.

Sob essa perspectiva, observa-se, no atual cenário, uma crescente fragilidade nas relações interpessoais, marcadas, principalmente, pela ausência do diálogo e da valorização recíproca. A sociedade contemporânea, impulsionada por uma cultura autossuficiente, muitas vezes incentiva o “isolamento” e o fechamento em “universos pessoais”, refletindo o ditado popular: “cada um por si e Deus por todos”. Essa realidade já foi e continua sendo refletida por filósofos como Zygmunt Bauman (2001, p. 8), que afirma: “As relações humanas são cada vez mais frágeis e descartáveis, pois vivemos em tempos líquidos, onde nada é feito para durar”.

Diante do exposto, Edith Stein nos lembra que a empatia é um ato único da consciência, transcende a mera dimensão emocional e é capaz de estabelecer “pontes” entre os indivíduos além de fortalecer as relações. Como fenômeno essencial da intersubjetividade, a empatia possibilita conhecimento pessoal e dos demais seres humanos, potencializando a dignidade do ser humano e sua singularidade.

Através desta perspectiva se buscou responder à pergunta: como a concepção de empatia em Edith Stein pode contribuir no resgate das relações éticas do ser humano, considerando seu impacto nas dimensões culturais e sociais contemporâneas?

À luz desta questão foi estudado o conceito de empatia, enaltecendo seu papel no âmbito social como chave para relações humanas mais saudáveis e significativas. Stein nos convida a reconhecer a dor, a alegria e as experiências do próximo como legítimas e dignas de atenção, promovendo um modelo de interação que transcende o individualismo e reforça a dimensão que é própria do ser humano, ou seja, seu valor como pessoa, com fim em si mesma. É mediante a empatia que superamos pré-conceitos de outras culturas, povos, línguas e raças, por meio dela que fomentamos a ética como marca única de percebemos-nos pessoas e por isso dignos de estima.

Reconhecendo a empatia como um fundamento ético a longo prazo, é extremamente pertinente enfatizar a sua importância, pois nela se encontra a essência da humanidade. Deste modo, este trabalho busca avaliar suas contribuições para a promoção da dignidade humana e sua valorização, bem como para o fortalecimento das relações interculturais em vista de uma sociedade mais ética e sustentável.

Na busca deste intento, se objetiva, de forma mais ampla, compreender o significado de empatia para Edith Stein e porque ela é fundamental para ações mais éticas e, de modo mais restrito, explicitar o conceito de empatia segundo o pensamento filosófico de Edith Stein, analisar a contribuição filosófica de Stein acerca da vida ética, e por fim, demonstrar a relevância e a atualidade da empatia para relações mais saudáveis, tendo em vista as conexões interpessoais, culturais e sociais na contemporaneidade.

## **2 A FILOSOFIA DE EDITH STEIN E A EMPATIA**

### **2.1 A GÊNESE DO SEU PENSAMENTO**

Edith Theresa Hedwing Stein nasceu em Breslau, aos datados 12 de outubro de 1891 e faleceu em 09 de agosto de 1942 no campo de concentração em Auschwitz, sendo, portanto, uma das milhares de vítimas do conflito armado da história. “De fato, fora para a Polônia, para o mais famoso campo de extermínio, onde requintes de maldade

destruíram vidas: Auschwitz, o lugar onde foram construídas as primeiras grandes câmaras de gás” (Garcia; Sciadini, 1987, p. 114).

Os pais de Edith, Siegfried Stein e Augusta Courant, ambos de origem judaica, educaram os filhos e filhas segundo a tradição abraâmica. Enquanto filha mais nova de um total de sete descendentes do casal, era de personalidade estudiosa desde muito cedo demonstrando uma postura determinada e convicta, conforme ressalta Garcia e Sciadini (1987).

Seguindo os ritos na sinagoga, Stein alimentava sua coragem e fortalecia sua identidade com a presença marcante da mãe, visto que ficara órfã de pai ainda criança. Segundo (Garcia; Sciadini, 1987, p. 23), “Siegfried morreu, quando Edith ainda não havia completado dois anos, e a mãe, mulher de qualidades excepcionais, tomou a frente dos negócios (comércio de madeira) e da família”.

Em 1913, Edith entrou na universidade de Breslau, se inscrevendo no curso de filosofia e como era de costume naquela época, não havia mulheres estudando, pois isso foi se tornando comum com o passar do tempo. Edith sendo a única mulher na sala, mostrou que sua capacidade intelectual não era menor que a dos demais. Ela própria relata como foi a impressão das primeiras aulas: “[...] Como eu era a única mulher entre todos os estudantes, o professor numa aula disse sorrindo: ‘Quando digo, meus senhores, incluo também aquela senhorita!’” (Garcia; Sciadini, 1987, p. 35). Neste cenário se percebe a grandeza desta filósofa que compreende por meio da sua história pessoal a importância de dar sua contribuição no campo acadêmico, se vê comprometida com a sociedade de sua época.

Após ler o segundo volume das Investigações Lógicas de Edmund Husserl (1859 - 1938), fundador da fenomenologia, Stein decide mudar para Gottinga. Matricula-se então no curso de fenomenologia. Após se encontrar com o filósofo, ele fica impressionado com sua capacidade de compreender uma obra reconhecidamente complexa, e percebe que ela a assimilou bem.

Indicada por Reinach, foi apresentada a Husserl que, maravilhado por saber que ela havia lido o 2º volume das Investigações lógicas (para ele, ato heroico) a admitiu em seu grupo. Frequentou aulas, participou dos seminários, das reuniões do famoso Círculo de Gottinga, escolheu Husserl como orientador para sua tese de doutoramento, e quando em 1916, o grande filósofo, futuro prêmio Nobel, foi transferido para Friburgo, Edith o acompanhou como colaboradora assistente (Garcia; Sciadini, 1987, p. 40).

Naquela época, com a fenomenologia no estágio inicial, Edith teve a coragem e perspicácia de investir seu tempo nesta área do conhecimento. Ela não hesitou em trilhar o caminho progressivo do conhecimento através dos fenômenos. Sua sede incansável pela verdade a fez estar aberta a aprofundar e superar barreiras, tanto sociais quanto intelectuais. Stein seguiu assim seu mestre Husserl, se tornando uma filósofa.

A fenomenologia transcendental, disciplina desenvolvida por Husserl, e que anos depois abriu caminhos para novas teorias sobre os fenômenos, tais como fenomenologia hermenêutica (Heidegger), existencial (Merleau-Ponty). Referente ao termo fenomenologia, cabe destacar:

[...] O termo significa estudo dos fenômenos, isto é, aquilo que aparece a consciência, daquilo que é dado. Trata-se de explorar este dado, a própria

coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre o laço que une fenômeno com o ser de que é fenômeno (Lyotard, 2008, p. 9).

Husserl inaugura um campo até então desconhecido, afirmando que “toda consciência é sempre consciência de algo”. A consciência é intencional. Através das reduções dos fenômenos se chega então a *epoché*. Podemos afirmar que a fenomenologia é a “ciência das essências” porque seu método de esclarecimento se baseia em eliminar tudo aquilo que é duvidoso para se chegar as coisas verdadeiras, às coisas mesmas.

A fenomenologia se apresenta como ir ‘às coisas mesmas’ e partir delas encontrar a verdade, destarte: ‘O objetivo da fenomenologia é a clarificação e, com ela, a fundamentação última de todo conhecimento. Para chegar a este objetivo é preciso excluir de sua consideração tudo o que é de alguma maneira ‘dubitável’, o que pode ser eliminado’ [...] (Almeida, 2014, p. 8).

Como estudante comprometida com a busca da verdade, Edith Stein foi profundamente impactada pela fenomenologia. Ao cursar quatro semestres de psicologia, percebeu que essa disciplina não oferecia respostas satisfatórias às suas inquietações filosóficas. Foi então que reconheceu na fenomenologia um valor epistemológico que até aquele momento não havia encontrado na psicologia.

O contato com Husserl e seus manuscritos influenciaram de forma direta o pensamento filosófico de Edith Stein. É possível perceber claramente a presença marcante dos textos do mestre em suas principais obras, como no estudo acerca da Psicologia e das ciências do espírito - intitulado *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften* (1922) -, que declara explicitamente a influência do filósofo. No entanto, é importante destacar que Stein não assimilou passivamente as ideias de Husserl, visto que expôs também suas discordâncias em relação a seu mestre (Goto; Moraes, 2016, p. 53).

Após ter consolidado uma perspectiva mais profundada sobre o conteúdo acerca da fenomenologia, Stein, como exímia aluna, aprendeu do mestre, mas não se deteve em suas ideias, logo partiu para um pensamento próprio, o que a fez querer dedicar sua tese de doutorado em 1917, intitulada “Sobre o problema da empatia” (*Zum Problem der Einfühlung*), na qual aborda o tema da empatia:

O tema central da obra e da autônoma pesquisa de Stein é o conceito de empatia. Stein quer esclarecer a si mesma qual é a verdadeira essência da empatia em sede rigorosamente fenomenológica; qual é, em suma, o momento empático que caracteriza a relação intersubjetiva entre duas pessoas (Sberga, 2021, p. 61-62).

Sua tese de doutorado revela sua alta capacidade intelectual, e seu senso investigativo pelas questões que lhe são caras. Podemos afirmar que ela viveu aquilo que escrevia em sua tese sobre a empatia, já que interrompeu os estudos para ser voluntária na Cruz Vermelha, durante a Primeira Guerra Mundial e retomou os estudos após o fim do serviço prestado (Stein, 2018). A vida de Edith é traçada por inúmeras “guerras” que ela soube vencer como filósofa, fenomenóloga, judia (perseguida) e religiosa.

Tendo em vista o percurso acadêmico de Edith e não somente isso, para não correr o risco de se desligar da sua história de vida, é viável refletir a trajetória pessoal, marcada por constantes buscas – intelectual, espiritual e existencial. Como filósofa fenomenóloga, ela afirma em 1921 que encontrou a Verdade que tanto procurava. O

que redirecionou o seu espírito investigativo, foi quando deparou com a autobiografia de Santa Teresa D'Ávila, dando-lhe um novo sentido para sua vida.

Era verão de 1921, e Edith fora passar alguns dias de férias na casa de campo do casal Conrad Martius, próxima à cidade de Bergzabern. Uma noite, ela estava sozinha na casa, e os donos lhe haviam dito que passasse o tempo aproveitando a sortida biblioteca que tinham. Entre tantos livros, ela escolheu um, ao acaso: um grosso volume com a vida de santa Teresa escrita por ela mesma. 'Comecei a leitura e fiquei de tal modo presa que não a interrompi até que cheguei ao fim do livro. Quando o fechei tive de confessar a mim mesma: 'Esta é a verdade!' (Garcia; Sciadini, 1987, p. 53).

Com a experiência da observação dos fenômenos e com a leitura da Santa e doutora da Igreja, Edith pôde ampliar sua holística de fenomenóloga. Ela encontrou na filosofia de Tomás de Aquino (1225-1274) as ideias propícias que auxiliou a sua compreensão de que filosofia e teologia andam de mãos dadas.

O complemento pleno a que tende a filosofia enquanto procura da sabedoria (verdade) é a sabedoria divina, a visão simples que abrange o próprio Deus e tudo o que é criado, certamente não por esforço próprio - é a visão beatífica que Deus lhe oferece, unindo-se a ele. O espírito criado adquire uma participação do conhecimento divino ao viver a vida divina. A maior aproximação deste fim supremo é a visão mística (Garcia; Sciadini, 1987, p. 89).

Cabe destacar o processo de conversão religiosa de Edith Stein, que percorreu um caminho existencial e espiritual desde suas raízes judaicas, passando uma fase de agnosticismo até sua adesão ao catolicismo, o que culminou com sua entrada na Ordem das Carmelitas Descalças, em 1933. Em 21 de abril de 1935, ao professar os votos religiosos, recebeu o nome de Teresa Benedita da Cruz (Stein, 2018).

Tal trajetória não se deu sem esforços, incluindo rupturas significativas no âmbito familiar, as quais lhe causaram sofrimento. Segundo Peretti, Escoboza e Manholer (2024) "Edith por sua vez dedicou sua vida a oração e à contemplação, entendendo sua missão como forma de intercessão não apenas por sua comunidade, mas por toda a humanidade [...]".

Seu testemunho e dedicação motivou sua irmã Rosa, que também se converteu ao catolicismo e a acompanhou fazendo a opção pela vida religiosa. E como naquela época em que os judeus eram perseguidos acirradamente, Stein e sua irmã Rosa não escaparam do nazismo alemão, juntamente com milhares de vítimas. É fundamental frisar que ela era bem consciente da situação naqueles anos de guerra. Com esse espírito decidido deixou um último bilhete escrito às suas coirmãs: "Eu estou contente com tudo. Só se pode adquirir uma ciência da cruz, quando se sente no íntimo o peso da cruz sobre os ombros. Disso eu estava convencida desde o primeiro instante e, de mim para mim, disse: 'Salve, cruz, esperança única'" (Garcia; Sciadini, 1987, p. 113).

Edith Stein e sua irmã Rosa, foram levadas como prisioneiras para o campo de concentração em Auschwitz, em 02 de agosto de 1942. Foram martirizadas em 09 de agosto do mesmo ano. Segundo São João Paulo II, na data 11 de outubro de 1998, na canonização de Edith Stein a declarou:

'Mártir por amor', ela deu a vida pelos seus amigos e no amor não se fez superar por ninguém. Ao mesmo tempo, procurou com todo o seu ser a verdade, da qual escrevia: 'Nenhuma obra espiritual vem ao mundo sem grandes sofrimentos. Ela desafia sempre o homem por inteiro'. A Irmã Teresa

Benedita da Cruz diz a todos nós: Não aceites como verdade nada que seja isento de amor. E não aceites como amor nada que seja isento de verdade! (João Paulo II, 1998).

Certamente a vivência de suas experiências, os marcos históricos pessoais, toda sua contribuição acadêmica e espiritual fundamenta suas reflexões e escritos sobre a função da empatia nas relações interpessoais.

O legado deixado por Edith Stein, então religiosa Santa Teresa Benedita da Cruz, revela a sua capacidade de abrir-se como pessoa e deixar que tanto a filosofia fenomenológica quanto a filosofia cristã a levasse a caminhos mais certos, embora não fossem tão planos e sem “curvas”. Assim, partindo de sua vida e história que será abordado o conceito de empatia nos próximos tópicos.

## 2.2 A CONCEPÇÃO DE EMPATIA DE EDITH STEIN

O tema da empatia é bem caro para a filosofia, tanto no campo da fenomenologia como para a ética, por se tratar na sua essência dos atos que afirmam a subjetividade e intersubjetividade, possibilitando uma visão ampla de si mesmo e da realidade humana. “Stein quer esclarecer a si mesma qual é a verdadeira essência da empatia em sede rigorosamente fenomenológica; qual é, em suma, o momento empático que caracteriza a relação intersubjetiva entre duas pessoas” (Sberga, p. 62-63).

Quando se fala de empatia, logo nos vem aspectos individuais do homem, mas não podemos pensar somente neste aspecto, já que a pessoa também tem sua face social, comunitária. “A empatia é a possibilidade de ‘sentir com o outro’, o ato cognitivo que estabelece um contato profundo com a vivência do outro, porém, ambos não se fundem, mas conservam a sua particularidade” (Peretti; Escobozo; Manholer, 2024, p. 128).

A empatia leva a uma compreensão pessoal consciente bem como uma apreensão maior da realidade do outro. Não que a empatia tenha por objetivo de tratar de atos psicológicos, até porque Edith evitou todo tipo de ‘psicologismos’ (Stein, 2004). O que o conceito de empatia se remete é justamente a um autoconhecimento como pessoa física-psíquica-espiritual. Quando se entra em contato com o próprio interior, consciente de sua realidade e do mundo que o cerca, tudo passa a ter um novo olhar.

Em seu glossário dos principais conceitos sobre a obra “O problema da empatia”, Sberga (2021, p. 60) explica o significado de empatia para Edith Stein:

Certamente, e em primeiro lugar, parte-se da constatação de que se reconhece o outro indivíduo não só como outro objeto entre os outros do mundo físico como o corpo (Körper) entre os corpos, mas como sujeito vivente e sensitivo (Leib), indivíduo psicofísico (de fato, me dou conta de que o outro sofre, graças a empatia e portanto o jugo capaz de sofrer); em segundo lugar, a especificidade da vivência da empatia surge no confronto, por exemplo, com a lembrança ou fantasia; de fato a empatia se distingue porque não tem a representação de um meu estado de ânimo, mas de um estado de ânimo vivido por outro.

Seguindo o raciocínio, se compreende que a empatia faz ver o outro não somente como um corpo físico, um sujeito a mais no mundo. Para Stein o sentido é de que se deve perceber o outro como indivíduo, no seu sentido integral e aquela pessoa que é percebida tem uma vida, tem experiências concretas, não é somente um ser físico,

senão espiritual. É por meio da autenticidade da vida que se chega a relações mais saudáveis e empáticas.

Edith se aprofunda no estudo da empatia, diferenciando-a de métodos diversos que surgiram naquele período proveniente de outros filósofos. Ela argumenta que a empatia não é uma inferência por analogia, como propunha Theodor Lipps, mas sim um ato único da consciência, ou seja, não se trata de deduzir, o estado interno de outra pessoa com base em semelhanças com nossas próprias vivências (Savian Filho, 2014).

Convém destacar que a fenomenologia de Husserl, seguida, depois aprofundada e aplicada por Edith Stein, traz presente o método fenomenológico. Não cabe aprofundá-lo, pois este não é o objetivo, mas de forma resumida, por exemplo, o método lança mão da *epoché*, por meio da qual busca constatar o próprio ato empático, por meio de reduções à essência e ao sujeito. A redução à essência tem por intuito chegar à percepção do reconhecimento do indivíduo como outro que é semelhante a ele, ou seja, tem sensações e sentimentos como ele (Sberga, 2021).

A empatia se dá pelas percepções externas e internas, em “*carne et ossa*” (carne e osso), ou seja, pelo próprio mundo vivido e experimentado, pois as percepções externas são visíveis no corpo, logo elas aparecem no rosto, caso esteja triste, alegre, com raiva. E continua Stein afirmando que a relação do sujeito diante de um outro, quando o percebe não só como corpo, mas como essência:

Tomemos um exemplo para ilustrar a essência do ato empático. Um amigo vem até mim e me diz que perdeu o irmão, e eu percebo sua dor. O que é essa percepção? [...] o que quero saber é o que é a percepção em si, não por qual caminho eu chego até ela (Stein, 2004, p. 22).

É compreensível que a percepção dos sentimentos externos de um amigo não revele a essência da empatia, no entanto, esta faz parte do ato empático. “Neste sentido, tudo o que é abarcado pela percepção externa, ainda não é suficiente para garantir a essência da vivência do alheio, mas cabe a percepção externa a função de ser um elemento constituinte da empatia” (Barea, 2015, p. 62). A filósofa, reafirma que as percepções internas, assim como ela mesma denomina, são constituintes da empatia.

As percepções internas, podemos dizer que muitas vezes não se destacam explicitamente, como é o caso de uma pessoa estar sentindo raiva de um amigo, mas para não o magoar este não se expressa. Mas se analisado bem, seja por diálogo, isso se demonstra de forma perceptível.

A interioridade alheia se manifesta envolvida de sentido eidético mesmo quando a pessoa reprime suas vivências. Ela, através do fenômeno, se mostra como um todo numa sintonia estrutural, porque posso reprimir a minha vivência de medo, por exemplo, mas o próprio medo se diz fenomenologicamente a mim. Controlar o medo já é mostrá-lo, pois o corpo como instrumento de objetivação interior fica rígido e desconexo com os movimentos livres e, assim, revela o objeto vivencial como que preso interiormente (Almeida, 2014, p. 23).

Para Stein, a empatia é um ato único da consciência, que nos permite acessar a intersubjetividade do outro sem reduzi-la a meras comparações individuais. Portanto, não se pode afirmar ou querer comparar as experiências pessoais com as demais, como se estas fossem viver tal qual as suas vivências, de forma original. Neste mesmo

sentido, de acordo com Savian Filho (2014, p. 38), a empatia é cooriginária quando se trata da experiência do outro:

[...] pela empatia, não vivo a experiência do outro, pois essa é vivência dele e absolutamente pessoal, intransferível, mas vivencio o objeto que ele vivencia, o objeto de sua experiência [...] a empatia portanto, rigorosamente falando, não me põe dentro do outro, mas faz que eu me dê conta do objeto de sua experiência (o 'conteúdo', conforme também diz Edith).

À vista disso, Stein argumenta que a empatia é uma vivência *sui generis*, na qual captamos diretamente o sentido da experiência do outro, reafirmando a própria identidade humana e reconhecendo o outro como um “eu” que se torna nós. A propósito, no tocante à originalidade dos atos empáticos, leciona Barea (2015, p. 69): “O que pertence ao outro é originário ao outro, assim como o que pertence ao meu viver é originário de mim. Entretanto, pela empatia posso captar o sentido *sui generis* do significado de seus atos, porque somos semelhantes em nossa estrutura”.

É pertinente realçar que a empatia é *sui generis* porque não se mistura nem se perde a identidade do eu, pelo contrário, ela reafirma os aspectos mais nobres no ser humano, ajudando-o a sair do seu ‘mundo-visão’ e ampliando sua percepção daquilo que o cerca. Um mundo visto sem empatia é um e um mundo sem empatia é outro.

Assim se pode afirmar que: “[...] a empatia é um penetrar e experienciar o estado de ânimo do outro, com a intenção de compreender seu sofrimento, sua dor ou sua alegria” (Sberga, 2021, p. 38). Por conseguinte, a pessoa ao ter atos de empatia que transformam tanto a si mesma, como a faz entrar em comunhão com outra, respeitando-a como ela de fato é, e demonstra ser.

Na sequência, complementa Savian Filho (2014 p. 51):

[...] a empatia é o nome que designa especificamente o ato pelo qual o eu pode conhecer a experiência alheia [...] sendo exatamente pensada por Edith Stein no registro da consciência, a empatia é o que permite afirmar a intersubjetividade e garantir uma visão não solipsista do mundo nem do próprio eu que conhece.

Disso resulta que é inviável pensar o conceito de empatia na perspectiva de Edith Stein sem considerar a “estrutura universal do homem: a possibilidade de vivência do reconhecimento”, conforme reitera Almeida (2014, p. 22). E ainda, sua perspectiva de empatia foge dos parâmetros solipsistas por ter critérios que abrangem a intersubjetividade e não se fecham em ideias isoladas, presas ao sujeito pensante. É na relação recíproca entre sujeito empatizado e empatizante que constata a “singularidade subjetiva da pessoa” (Barea, 2015).

Deste modo, continua Barea (2015), se reconhece que o ser humano não é somente razão, a despeito de sua importância para o conhecimento. É através da integralidade humana que Edith se detém a analisar o indivíduo que não pode ser visto somente numa perspectiva racional, diferenciando-se assim dos outros animais. Toda sua estrutura se apoia sobre os eixos físico-psíquico-espiritual. “A vivência da empatia ajuda no desenvolvimento pessoal que ultrapassa tanto o ponto de vista corporal, quanto psíquico e o desenvolvimento da dimensão espiritual” (Barea, 2015, p. 88). É essencial que a empatia seja própria do ser humano conectado com a dimensão espiritual.

Quando se compreende conscientemente que as pessoas são dignas por serem como são, as coisas podem tomar outros rumos, pois se pode chegar a uma vida mais ética e cheia de significados que transformam o viver das pessoas envolvidas empaticamente. Estar consciente da própria ação e linguagem permite uma integralidade pessoal. Falar e ser (teoria e ação).

Os atos empáticos e as relações intersubjetivas estão longe de se confundirem com meros sentimentos direcionados ao outro. A empatia, mediada pela relação intersubjetiva, não implica fusão de identidades ou confusão entre os sentimentos. Pelo contrário, o processo empático não se dissolve nem faz perder a própria identidade, mas fortalece o humano. É por meio da empatia que se aprofunda o conhecimento sobre si mesmo, reconhecendo e ampliando a visão de mundo. Assim, o outro pode ser acolhido em sua condição, com a mesma dignidade com que se reconhece a própria individualidade.

Nisso se constata a importância da empatia, que é justamente conduzir para a experiência da intersubjetividade, a qual dá o fundamento e permanece como horizonte para o ser pessoa, ou seja, a empatia não é só para ajudar a pessoa a se conhecer por meio do outro, mas sobretudo, a se constituir e a se tornar mais pessoa, a se humanizar (Sberga, 2021, p. 39).

Os estudiosos Elio e Érika Constantini, citados por Sberga (2021, p. 38), afirmam que a empatia se baseia em três graus de atuação:

O primeiro grau é aquele no qual a vivência do outro surge inesperadamente diante de mim (sei que meu amigo perdeu um irmão); no segundo, sou envolvido no estado de ânimo do outro (experimento a dor vivida pelo amigo); no terceiro, a vivência explicitada é objetivada, ou seja, retorna diante de mim como objeto correlativo à consciência. No primeiro e no terceiro grau, o ato de “dar-se conta” da vivência do outro corresponde de modo não originário à percepção, também essa não originária, da dor do outro “vista” como objeto, enquanto, no segundo, o mesmo ato corresponde à experiência empática levada a cumprimento: vivo a vivência do outro como se fosse minha. É, portanto, no segundo grau que a empatia se realiza plenamente, alcança a sua plenitude.

Insta ressaltar que no caminho até aqui percorrido, fica evidente o entrelaçamento da intersubjetividade, ou melhor a relação entre pessoas concretas. Uma pessoa vive o ato empático diante de um outro que no terceiro grau, a reconhece. É como se realizasse uma síntese empática da ação. Neste compilado de sentimentos e ação consciente diante do outro, em que o outro é percebido como ser humano, se realiza a empatia entre ambos. É um “dar e receber”, porque nem um e nem outro sai “ileso” do ato empático. O empatizante é protagonista junto com o empatizado. A pessoa não sai a mesma, pois pela empatia ela tem a chance de se tornar uma pessoa melhor, mais ética, cada vez mais espiritual.

### 2.3 A EMPATIA COMO FUNDAMENTO DA VIDA ÉTICA

Não é difícil constatar que muitos usam do conceito de empatia para se referir a alguém simpático, que é legal com todos, ou ainda lidar com pessoas queridas, sociáveis e boas. Mas a empatia aqui apontada na perspectiva de Edith Stein vai muito além de simpatia ou antipatia. Para a pensadora, ela faz parte da pessoa, conforme pontua Sberga, (2021, p. 30). “No entanto, Stein quer ir além e demonstrar que a empatia é importante não só para que o indivíduo se reconheça como um entre outros,

mas no que tange a descrição antropológica e para a constituição do ‘indivíduo próprio’.

Ao contrário do que se imagina, ética e empatia não são, nem percorrem caminhos distintos. Muito pelo contrário, ambas seguem pela mesma “via” e se interligam profundamente. Assim, retomando estes princípios basilares, é pertinente destacar o valor da empatia para a vida em sua totalidade, seja na perspectiva antropológica, cultural, religiosa, mas, principalmente, na perspectiva social-ética.

A empatia tem se consolidado como um dos conceitos centrais para a compreensão e fundamentação da ética contemporânea. Mais do que um simples sentimento de simpatia ou piedade, a empatia consiste na capacidade de se colocar no lugar do outro, compreendendo suas emoções, intenções e experiências a partir de sua própria perspectiva. Essa capacidade de abertura ao outro é o que permite a construção de relações verdadeiramente humanas, baseadas no respeito, na dignidade e na responsabilidade mútua.

Do ponto de vista filosófico, Edith Stein foi uma das pensadoras que mais profundamente investigou a empatia, definindo-a como um ato intencional de conhecimento afetivo, pelo qual o sujeito apreende a vivência do outro sem confundir-la com a sua própria. Em sua obra “Sobre o problema da empatia” (1917), Stein mostra que a empatia é o modo originário de acesso ao outro e, portanto, o fundamento de toda ética relacional. Para ela, reconhecer a alteridade não é apenas um ato cognitivo, mas um movimento existencial que funda o respeito e o amor ao próximo.

Toda cultura traz consigo marcas que geram relações de respeito e desde pequenas, as crianças aprendem a respeitar o diverso, o diferente do já conhecido, mas isso não faz alguém ser melhor ou inferior. É por meio do ser humano que a empatia se espalha, gera fraternidade, acolhida e faz o ser humano olhar para si mesmo, se conhecer cada vez mais.

O ato de empatizar a vivência alheia descobre um sujeito que não é estático, como uma pedra [...]. Por conseguinte, é preciso estar aberto nas relações que estabelecemos e deixar-se envolver com as objetividades e subjetividades, contemplando em todas as suas dimensões (Barea, 2015, p. 53).

Para Stein, o “eu puro” é o núcleo da consciência que nos permite experimentar o mundo, mas também reconhecer e compreender o outro como um ser separado, com suas próprias experiências. A pessoa não é um ser estático, ou seja, que não se modifica, mas é alguém que experimenta, que compreende e transforma-se. Essa habilidade de perceber o outro como um ser que é diferente, mas tem a mesma dignidade que a si mesmo é o fundamento da empatia.

O indivíduo, que é prisioneiro da sua individualidade, não pode ir além do mundo como ele o consegue captar, mas pela empatia, se consegue ultrapassar essa barreira, porque ele pode constatar como o mesmo mundo aparece de modo diferente para os outros indivíduos (Sberga, 2021, p. 31).

Nesse sentido, o “eu puro” é a base dessa vivência empática pois ele fornece a estrutura que permite a distinção entre a experiência própria e a do outro. Segundo Stein (2004, p. 21), “E não vivenciamos os outros através do sentimento, mas através da empatia; por meio da empatia é possível sentir junto e enriquecer a própria existência”. O que Edith Stein quer pontuar é que a empatia não se baseia em

sentimentalismos, nem é atos isolados, fora do mundo da vida, mas é algo que marca a vida humana, enriquece o conhecimento do sentir com e aprender mais sobre si mesmo através dos atos empáticos.

É imprescindível que a empatia, segundo Stein (2004), não tenha o mesmo significado de simpatia. Pois a empatia é o ato de vivenciar as experiências do outro de forma indireta, sem projetar-se sobre o outro, evitando psicologismos e sem perder a própria individualidade.

Além disso, Stein argumenta que a empatia não é apenas um processo intelectual, mas uma vivência profunda que envolve sentimentos e a intuição do que o outro está passando. É por meio dessa interação entre “eu puro” e a empatia que nos conectamos com os outros de maneira autêntica.

À empatia confere-se o sentido de originalidade dado que está ligada ao campo das vivências dos seres humanos em relação, porém somente pela empatia chego até a essência do sentimento da vivência alheia que se apresenta diante de mim, pois não somente os traços físicos que dão significado ao sentimento de uma pessoa. Por exemplo, uma pessoa pode estar passando por uma situação extremamente delicada e não demonstrar em sua aparência sensível o momento que vive, e somente através de sua explicação completa é que podemos empaticamente perceber sua dor, captando o sentido da sua vivência, tanto do aspecto da percepção externa quanto interna [...] (Barea, 2015, p. 63).

Uma pessoa que passa por uma experiência sentirá com sua própria intensidade as emoções que são geradas no seu íntimo. Por mais que terá outras pessoas que também sentirão de forma pessoal, nenhuma delas sentirá com a mesma intensidade. Cada pessoa carrega consigo histórias pessoais, mas pela empatia e segundo a ética é possível compreender o outro, através da cooriginalidade, ou seja, o ato empático leva o empatizante a crescer nos seus próprios sentimentos e a ampliar sua visão, tornando-se mais ético e responsável por si e aberto ao outro, seus valores, respeitando-o na sua inteireza humana.

Portanto, somos instigados pela empatia a não misturar a vivência do outro (captada de forma *sui generis*) com as nossas vivências, não fazer pré-julgamentos a respeito do outro somente pelo que um terceiro diz, são elementos importantes para que empaticamente possamos dar-nos conta da alteridade do outro com respeito à sua integridade de pessoa (Barea, 2015, p. 78).

A empatia é própria de seres espirituais por ser justamente aquela que transcende nossos julgamentos, nos faz reconhecermo-nos no outro, de uma certa forma porque eu me percebo e sinto antes de julgar ou fazer pré-rotulações do outro que se apresenta diante de mim.

O traço que define o ser humano é a sua racionalidade, a sua essência como ser pensante. Mas não somente isso, o homem é um ser composto de corpo, psique e espírito. Apesar da racionalidade e de sua subjetividade, a pessoa humana é um ser relacional, de comunidade.

O processo de delimitação e abstração de mim mesmo como ser humano conduz-me à universalidade de uma estrutura, não somente minha, mas codividida. [...] No seu dizer, o solipsismo pressupõe sempre a alteridade: afirmo eu que sou porque sei que há outros; ao me viria a mente afirmar o solipsismo se não propusesse uma pluralidade (Savian Filho, 2014, p. 18).

O outro ser humano que se manifesta é digno de apreço, não é mais um na multidão da generalidade. Como indivíduo subjetivo, mas cheio de possibilidades de intersubjetividade não pode ser visto como mais um objeto, mas sim, como fim em si mesmo. “É mais fácil ser reconhecido quando se carrega a validação do sistema. Alguns por não a possuírem, acabam esquecendo o infinito que os habita, aceitam ou são compelidos a abordagens incompatíveis com sua dignidade” (Sganzerla; Falabretti; Bocca, 2009, p. 251).

Por outro lado, na atualidade se percebe uma depreciação da ética, seja na sociedade e na cultura de forma geral. As pessoas estão sendo conduzidas a um isolamento devido às realidades tecnológicas. Desse modo, se evidencia que as relações interpessoais, as relações com os outros membros da comunidade implicam uma postura ética.

Muitas vezes o sistema rotula as pessoas pelo que se vê externamente, ou seja, criando barreiras que poderiam levar a boas e saudáveis relações empáticas. Uma pessoa não se delimita no seu valor financeiro, pelo seu vestir, calçado, se está na moda ou não, ela é muito mais que isso tudo, têm valor pessoal, é um ser humano digno de respeito.

[...] não amamos uma pessoa porque ela faz o bem, seu valor não consiste no fato de que faça o bem (também talvez seja possível que nisso se manifeste o valor), mas enquanto a pessoa mesma é valiosa, e nós a amamos ‘por si mesma’ (Stein, apud Sberga, 2021, p. 92).

Do ponto de vista cultural, a empatia é moldada pelos valores e tradições de cada sociedade. Ela surge como um reflexo da busca pela harmonia coletiva, incentivando indivíduos a se colocarem no lugar do outro. Em comunidade ao redor do mundo, práticas de hospitalidade, celebrações coletivas e narrativas tradicionais são exemplos de como os povos promovem a empatia como ferramenta de união e respeito mútuo.

Para Stein, o pertencimento que toda pessoa pode ter com a comunidade, ou seja, à vida social e cultural, também comporta uma consciência e responsabilidade que parte de cada indivíduo particular. Assim, a vida comunitária se torna bela e prazerosa se for permeada de valores e ética. O indivíduo por sua vez ao reconhecer tais valores é capaz de julgar o sentido e o valor da própria vida humana (Cruz, 2018, p. 59).

Nesta altura do estudo, vale lembrar como Stein desenvolveu uma perspectiva fascinante ligada aos valores éticos. Para ela, a empatia não é apenas uma habilidade social ou emocional, mas um fundamento essencial para a ética. Isso porque, ao nos colocarmos no lugar do outro, conseguimos reconhecer suas necessidades, sofrimentos, alegrias e, conseqüentemente, compreender como nossas ações podem impactá-los.

Outrossim, é perceptível que diversos dilemas sociais e desafios para as relações intersubjetivas, como o avanço da inteligência artificial que levanta preocupações crescentes acerca da privacidade e segurança de dados pessoais, o aumento do stress, ansiedade e depressão, a desigualdade de acesso, dentre outras. Nessas condições, o tema da empatia volta a ter a sua importância e relevância em vista de relações mais éticas e humanizadas.

Em continuidade à discussão sobre a importância da empatia e a título de ilustração, imagine uma família se muda de uma cidade para outra. Esta tem seus valores próprios, cada membro tem sua subjetividade, mas é uma família, formando uma comunidade. Na nova cidade e bairro ela busca se inserir, tentando compreender e se adaptar à cultura daquele novo ambiente. É claro que esta família precisará observar, conversar com os vizinhos, acolher e ser acolhida na sua identidade.

É neste sentido que a empatia ganha um novo lugar na fenomenologia antropológica, dado que ela possibilita um crescimento ético-humano porque trabalha a constituição subjetiva e intersubjetiva do ser humano. Stein, citada por Sberga (2021, p. 30), declara “[...] a empatia oferece uma contribuição à constituição do ‘indivíduo próprio’ porque dá a ele a possibilidade de se ‘ver’ e se conhecer por meio da ‘visão’ e percepção do outro”. Portanto, por essa vivência se chega a um autoconhecimento, e este conduz a uma vida enriquecida de valores éticos e humanos.

A partir dessa compreensão da empatia, é possível fundamentar a ética numa base sólida de alteridade e responsabilidade. Antes de emitir qualquer juízo ou ação, a empatia convida a se colocar no lugar do outro, compreendendo sua perspectiva e experiência. Isso gera uma atitude ética de respeito ao outro, embora diferente e singular, capaz de vivenciar suas próprias experiências. Stein considera que essa vivência leva à solidariedade e à compreensão profunda, ativando um compromisso ético que se manifesta em ações responsáveis para com o outro. Assim, a empatia é vista como um princípio ético porque é o método pelo qual o sujeito se abre à alteridade e responde a ela de modo justo e respeitoso.

Em resumo, o conceito de empatia de Edith Stein é fundamento para uma vida ética porque possibilita o reconhecimento autêntico do outro, a abertura à sua alteridade, e instaura uma responsabilidade ética fundamentada na compreensão mútua e no respeito pela dignidade humana.

### 3 METODOLOGIA

O estudo foi realizado a partir de uma ampla pesquisa bibliográfica. A propósito da pesquisa bibliográfica, leciona (Gil, 2008, p. 50) que: “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

A pesquisa bibliográfica consiste na análise de materiais previamente publicados, incluindo obras de Edith Stein, como *El problema de la empatía* (2004); de Adair Aparecida Sberga, Fundamentos da antropologia filosófica e pedagógica de Edith Stein: guia para o estudo de conceitos das obras da trilogia fenomenológica e da obra A estrutura da pessoa humana (2021); de Juvenal Savian Filho, Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein – apresentações didáticas (2014); além de artigos científicos e teses relevantes, como O tema da empatia em Edith Stein, de Rudimar Barea (2015). Essa abordagem permite um exame crítico e sistemático das contribuições teóricas existentes sobre o tema.

A metodologia de pesquisa adotada neste estudo foi de caráter exploratório e bibliográfico, com o objetivo de promover uma análise dos conceitos de empatia e

ética. Embora ambos os temas estejam interligados, a investigação concentrou-se especialmente na empatia, buscando compreender suas implicações filosóficas, existenciais e relacionais, sem negligenciar os fundamentos éticos que a sustentam.

Dessa forma, a revisão da literatura foi conduzida de maneira concisa e analítica, identificando o sentido da empatia e ética no pensamento filosófico de Edith Stein. A sistematização dos dados obtidos proporcionou uma base sólida para o desenvolvimento de reflexões consistentes e atualizadas.

A investigação buscou, portanto, compreender a problemática do papel da empatia como fundamento para ações éticas, analisando seu impacto nas relações humanas e sociais contemporâneas. Diante dos desafios enfrentados na sociedade atual, como o individualismo e a fragilidade das relações éticas. Logo, este estudo pretende evidenciar a relevância da empatia na construção de interações mais empáticas, harmônicas e responsáveis.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 A ATUALIDADE E A RELEVÂNCIA DO PENSAMENTO DE E. STEIN**

À luz da perspectiva steiniana, a empatia é um caminho que pode e deve ser percorrido rumo a uma sociedade que gera relações mais éticas. Num mundo impactado de excesso de falas, e pouca escuta e reflexão, se pode afirmar que é a ética empática que conduz a uma vida mais saudável e respeitosa para consigo e para o outro.

Quando se fala, portanto, de empatia é imprescindível levar em conta as consequências dela, ou seja, ela implica numa ética porque está ligada com as relações do sujeito consigo mesmo e com o outro. É um processo antropológico que não está finalizado, ele quer fazer construção no humano. É no cotidiano da vida que a história se faz, é por meio de relações éticas e mais humanas que se constrói um arcabouço de vivências que ajudam o progredir humano.

Um olhar mais atento sobre a realidade contemporânea, revela que a empatia, a escuta não é priorizada. Isso por uma das causas ser justamente uma espécie individualidade extremada, quando o que o outro fala não chega realmente aos ouvidos, ou ainda quando a relação é fragilizada pelo preconceito, pela diversidade que não é aceita no outro e por vezes cria uma barreira que impede a empatia.

A empatia, ao fundamentar a ética, tem impacto direto nas relações humanas, promovendo o diálogo, a convivência e o respeito mútuo, bases para uma sociedade mais justa e humana. Edith Stein sugere que a empatia não é um sentimento passivo, mas uma vivência ativa que exige consciência plena e acessível de si para acolher o outro dignamente. Isso pode ser um antídoto contra a intolerância, o preconceito e o isolamento, fortalecendo a convivência social por meio de uma ética relacional autêntica.

Conforme já discutido ao longo do estudo, Edith Stein entende a empatia como um ato fenomenológico que permite ao sujeito experimentar a vivência do outro de forma direta e imediata, mas preservando a distinção entre o eu e o outro. Para ela, a empatia é uma apreensão da subjetividade do outro e sua singularidade, que possibilita a constituição da intersubjetividade e o reconhecimento ético baseado no

respeito à alteridade. Assim, a empatia é fundamental para a construção da relação ética porque envolve uma compreensão profunda da experiência do outro, o que gera responsabilidade e cuidado ético.

Scheler, por sua vez, diferencia empatia e simpatia, atribuindo à simpatia um papel central na ética. Para Scheler, a simpatia é um afeto com base no amor que leva à preocupação ética pelo outro, uma forma de cuidado que nasce do reconhecimento da dignidade da pessoa humana. Embora reconheça a importância da empatia como conhecimento da experiência do outro, ele destaca a dimensão afetiva e valorativa da simpatia como motor principal da ética (Cadena, 2013).

Já na ética contemporânea, autores como Emmanuel Lévinas (2007) aprofundam essa dimensão ética da empatia, ao compreender que o rosto do outro nos interpela e nos chama à responsabilidade. O outro, na sua vulnerabilidade, exige de mim uma resposta ética anterior a qualquer norma ou princípio racional. Assim, a empatia torna-se o ponto de partida da responsabilidade moral — um “sim” originário ao outro, antes mesmo da formulação de regras ou leis.

Um antídoto para a apatia, segundo o Papa Francisco em sua mensagem para o 60º dia Mundial de Orações pelas vocações (2023), é precisamente a empatia. Diante dos avanços tecnológicos e da crescente influência de uma cultura voltada ao individualismo e às relações líquidas, observa-se que a ausência de empatia permeia a sociedade contemporânea, tornando os indivíduos apáticos ou mesmo indiferentes às causas sociais e relacionais.

Em memória do saudoso Papa Francisco é oportuno recordar sua afirmação na Encíclica *Fratelli Tutti*:

Quero destacar a solidariedade, que ‘como virtude moral e comportamento social, fruto da conversão pessoal, exige empenho por parte de uma multiplicidade de sujeitos que detêm responsabilidades de carácter educativo e formativo. Penso em primeiro lugar nas famílias, chamadas a uma missão educativa primária e imprescindível. Constituem o primeiro lugar onde se vivem e transmitem os valores do amor e da fraternidade, da convivência e da partilha, da atenção e do cuidado pelo outro [...] Os valores da liberdade, respeito mútuo e solidariedade podem ser transmitidos desde a mais tenra idade. (...) Também os agentes culturais e dos meios de comunicação social têm responsabilidades no campo da educação e da formação, especialmente na sociedade atual onde se vai difundindo cada vez mais o acesso a instrumentos de informação e comunicação (Francisco, 2020, n. 114).

Os valores morais podem ser transmitidos tanto pelas interações sociais quanto pela educação escolar e familiar, desde a infância até a idade adulta. Ao se buscar uma vida pautada na solidariedade e na empatia, esses valores promovem relações éticas que contribuem para uma convivência mais saudável e sociável.

Em uma sociedade marcada pela lógica do “descarte”, indivíduos empáticos representam um verdadeiro antídoto, luzes em meio à escuridão, pois promovem e disseminam o respeito por meio de relações saudáveis e conscientes da dignidade inerente a todo ser humano, mesmo em situações de extrema vulnerabilidade. A pessoa jamais deve ser vista como um meio, mas sempre como um fim em si mesma. Sua dignidade decorre do simples fato de ser pessoa, e não de qualquer utilidade que possa oferecer. Portanto, tratá-la como objeto descartável é negar sua essência e comprometer os fundamentos éticos da convivência humana.

Já Zygmunt Bauman, sociólogo conhecido por sua análise da modernidade líquida e da fragmentação da vida social, aborda a dimensão da empatia em um contexto marcado pela individualização, insegurança e fragilidade das relações humanas. Para Bauman, a empatia pode ser entendida como uma capacidade de consideração e de conexão com o outro em meio à fluidez e instabilidade da sociedade contemporânea, onde identidades e vínculos são constantemente transformados e fragilizados. Essa empatia é um desafio na modernidade líquida, pois a vida fragmentada dificulta relações profundas e rigorosas.

A respeito da responsabilidade pelo outro, o autor aponta:

Eu tomo a responsabilidade pelo Outro. Mas eu tomo essa responsabilidade não da maneira como alguém assina um contrato e toma sobre si as obrigações que o contrato estipula. Sou eu que tomo a responsabilidade, e eu posso tomar essa responsabilidade ou eu posso rejeitá-la, mas como uma pessoa moral eu estou tomando essa responsabilidade como se não fosse eu que a tomei, como se a responsabilidade não fosse para tomar ou rejeitar, como se ela "já" estivesse lá e "sempre", como se ela fosse minha sem nunca ter sido tomada por mim (Bauman, 1997, p. 88).

Segundo Bauman, o respeito mútuo nas relações é uma forma de simetria moral, já que esta implica escuta, olhar e compreensão para com o outro. A ética implica uma responsabilidade que, podemos afirmar, se dá em duas vias de mão dupla. A análise de uma sociedade líquida nos faz refletir como é urgente o olhar da empatia segundo a filosofia de Edith Stein, como é preciso viver relações ético-empáticas.

Além do mais, ainda relacionando Bauman com a empatia de Stein, pode-se dizer que a abordagem de Stein fornece uma base filosófica para a compreensão profunda do outro como pessoa singular em um mundo social que ele descreveu como fragmentado e incerto. A empatia, segundo Stein, pode ser vista como uma resposta ética e existencial à condição de fragmentação e alienação destacada por Bauman, propondo a reconexão com a alteridade humana através do reconhecimento da singularidade do outro. Assim, a empatia steiniana oferece um contraponto e uma estratégia para os desafios empáticos que Bauman identifica na vida líquida contemporânea, ao promover uma abertura ao outro que transcende o efêmero e o assustador.

Portanto, a relação entre Bauman e a empatia de Stein é a possibilidade de a empatia, entendida fenomenologicamente, ser uma ferramenta para enfrentar a falta de estabilidade e profundidade nas relações interpessoais na modernidade líquida, fomentando um compromisso com a alteridade e o reconhecimento do outro que Bauman encontra ameaçado pela condição social atual.

Uma vida ética pressupõe o reconhecimento de que o outro possui valor intrínseco por aquilo que é, e não como um objeto passível de posse ou descarte. A filosofia de Edith Stein contribui para essa compreensão ao evidenciar que é possível estabelecer vínculos significativos com pessoas de diferentes culturas e atravessar as diferenças com liberdade e respeito mútuo. O outro não deve ser reduzido à condição de propriedade, mas acolhido com empatia autêntica, capaz de promover encontros verdadeiros e transformadores. Pessoas ético-empáticas demonstram seu lado natural, que é ser pessoas espirituais, já que está em seu estado natural.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se inferir que o conceito de empatia segundo Edith Stein é um fundamento essencial para uma vida ética porque estabelece uma base para a compreensão do outro em sua singularidade e humanidade, promovendo uma relação ética pautada no respeito e na responsabilidade. Stein entende a empatia como um ato peculiar da consciência que permite apreender a experiência vívida pelo outro "como se fosse minha", mas sem perder a própria identidade. Essa vivência proporciona uma abertura à alteridade, ao reconhecimento do outro como pessoa, o que é constitutivo de uma ética intersubjetiva.

Edith Stein, influenciada pela fenomenologia de Edmund Husserl, ampliou o estudo da empatia para mostrar que ela não é mera projeção, mas um modo peculiar de experiência consciente que permite o conhecimento direto da vivência do outro. A empatia, segundo Stein, faz parte da constituição da pessoa humana, constituindo a singularidade e o reconhecimento mútuo entre sujeitos. Essa vivência empática é um ato *sui generis*, que possibilita a percepção da vida psíquica do outro e sua interioridade, sem confundi-la com a própria experiência.

Resta claro que o percurso de estudo sobre empatia, confirma que Edith Stein faz um processo no qual seus escritos influenciaram fortemente a antropologia fenomenológica. Pois sua fenomenologia parte de uma visão mais voltada à dignidade e integralidade da pessoa. É por estar consciente dos atos que se percebe o valor do outro semelhante a si mesmo. Pela empatia se conhece, mas não somente, pois pelos atos empáticos se chega à compreensão do ser humano com uma razão que transcende a simples *ratio*.

Todo trabalho filosófico exige renunciar a ideias fixas, às quais muitas vezes as pessoas se apegam. Por isso, abrir-se ao espírito investigativo é um caminho que pode dar muitos frutos, e a própria filósofa é prova disso. Nenhum tipo de racionalidade deve se desprender do mundo da vida, da capacidade de ir além da racionalidade.

O olhar empático vem de pessoas espirituais, que são conscientes de que não são melhores que ninguém, mas que se reconhecem conscientes de sua igualdade essencial com os demais. Reconhecem no outro um ser único e irrepetível, cuja capacidade merece confiança e valorização. Nesse mesmo espírito pode-se afirmar que a vida de Edith foi uma tese ética, pois ao longo do seu percurso intelectual, ela não desconectou da empatia em suas próprias vivências. Ao compreender essa dimensão do humano, a singularidade e a capacidade do outro, Edith Stein percebeu que sua filosofia não poderia permanecer nos limites da abstração. A partir daí, sua reflexão ganhou novos rumos, profundamente entrelaçados com a experiência vivida e com a ética da empatia.

Do ponto de vista prático, a empatia como fundamento ético implica reconhecer que toda ação moralmente boa deve considerar o impacto que produz sobre o outro. Nessa perspectiva, o agir ético não se reduz ao cumprimento de deveres formais, mas se enraíza na sensibilidade moral, na capacidade de perceber e acolher o sofrimento, as necessidades e a dignidade de quem partilha o mundo conosco.

Portanto, compreender a empatia como fundamento ético é reconhecer que o exercício moral nasce do encontro com o outro. Ela constitui o elo entre o eu e o tu,

entre a consciência individual e a comunidade, entre a liberdade e a responsabilidade. Em tempos marcados por indiferença e desumanização, recuperar a empatia significa resgatar o próprio sentido da ética: viver com e para o outro, em um horizonte de solidariedade e reconhecimento mútuo.

Pode-se inferir que, em tempos de crise como desastres naturais, conflitos humanos ou guerras, se não fosse a empatia presente em cada indivíduo e sua manifestação por meio de gestos de solidariedade e percepção fraterna, capazes de transformar e conferir sentido à vida, a humanidade estaria exposta a riscos ainda mais severos do que os enfrentados na atualidade.

Nesse contexto, este estudo bibliográfico permitiu uma análise crítica das contribuições de Edith Stein acerca da empatia, evidenciando a relevância de seu pensamento para os debates filosóficos contemporâneos, especialmente no campo da ética. As obras analisadas demonstram como Stein articula a experiência empática como fundamento para a compreensão do outro.

Conclui-se que este estudo bibliográfico permanece em aberto, dada a atualidade e complexidade do tema. A filósofa Edith Stein contribuiu significativamente para a filosofia com seus escritos e reflexões, o que justifica a continuidade de estudos que aprofundem sua obra e ampliem o diálogo interdisciplinar sobre a empatia.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Empatia. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALMEIDA, Renaldo Elesbão de. A empatia em Edith Stein. **Cadernos IHU**, ano 12, n. 48. São Leopoldo: Instituto Humanitas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2014. Disponível em: [https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/048\\_cadernosihu.pdf](https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/048_cadernosihu.pdf). Acesso em: 2 set. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BAREA, Rudimar. **O tema da empatia em Edith Stein**. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2015. Disponível em: [https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_7e2b3eef2cef420db3984b9eff32fc0b.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_7e2b3eef2cef420db3984b9eff32fc0b.pdf). Acesso em: 15 maio 2025.

BORGES, Gessica. 12 principais filósofos gregos e suas teorias. eBiografia, **Todamateria.com.br**. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/grecia\\_antiga\\_principais\\_filosofos\\_gregos\\_teorias/](https://www.ebiografia.com/grecia_antiga_principais_filosofos_gregos_teorias/). Acesso em: 22 maio 2025.

CADENA, Nathalie Barbosa de la. Scheler, os valores, o sentimento e a simpatia.

**Revista Ética e Filosofia Política.** Número XVI, Volume II, dezembro de 2013. Disponível em: [www.ufjf.br/eticaefilosofia](http://www.ufjf.br/eticaefilosofia). Acesso em: 18 out. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Carta encíclica Fratelli Tutti:** sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano, 3 out. 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 21 out. 2025.

GARCIA, Jacinta Turolo; SCIADINI, Patrício. **Edith Stein:** holocausto para seu povo. São Paulo: Loyola, 1987.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

JOÃO PAULO II, Papa. **Homilia na cerimônia de canonização de Edith Stein.** Vaticano, 11 out. 1998. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_11101998\\_stein.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html). Acesso em: 3 set. 2025.

GOTO Tommy Akira; MORAES, Mak Alisson Borges de. A concepção de fenomenologia para Edith Stein. **Revista Filosófica São Boaventura**, Curitiba, v. 10, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/view/26>. Acesso em: 16 jul. 2025.

GRACIOSO, Joel; PARISE, Maria Cecilia Isatto. Eu puro e empatia segundo Edith Stein. **Argumentos - Revista de filosofia**, Fortaleza ano 9, n. 18, jul./dez. 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32162/1/2017\\_art\\_jgraciosomciparise.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32162/1/2017_art_jgraciosomciparise.pdf). Acesso em: 12 ago. 2025

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito.** Lisboa: Edições 70, 2017.

LYOTARD, Jean-François. **A fenomenologia.** Lisboa: Edições 70, 2008.

CRUZ, Manuele Porto. **Pessoa, comunidade e empatia em Edith Stein.** 2018. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Brasília, 2018. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/33240/1/2018\\_ManuelePortoCruz.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/33240/1/2018_ManuelePortoCruz.pdf). Acesso em: 12 set. 2025.

PERETTI, Clélia; ESCOBOZO, Gustavo; MANHOLER, Matheus (orgs.). **Edith Stein:** mística, antropologia e dignidade humana. Porto Alegre: Fundação Fênix, 2024. Disponível em: <https://fundarfenix.com.br/ebook/361edith-stein-mistica-antropologiae-dignidade-humana/>. Acesso em: 02 set. 2025.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Empatia:** Edmund Husserl e Edith Stein – apresentações didáticas. São Paulo: Loyola, 2014.

SBERGA, Adair Aparecida. **Fundamentos da antropologia filosófica e pedagógica de Edith Stein**: guia para o estudo de conceitos das obras da trilogia fenomenológica e da obra A estrutura da pessoa humana. São Paulo: Paulus, 2021.

SGANZERLA, Anor; FALABRETTI, Ericson Sávio; BOCCA, Francisco Verardi (orgs.). **Ética em movimento**. São Paulo: Paulus, 2009.

STEIN, Edith. **El problema de la empatía**. Tradução de Manuel García Morente. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

STEIN, Edith. **Vida de uma família Judia e outros escritos autobiográficos (1933-1939)**. Tradução: Maria do Carmo Ventura Wollny; Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 1939/2018 [publicação original de 2002]. Coleção Obras de Edith Sthein.